

# AVENTURA

Nº 3

JULHO - 43



# AVENTURA

Revista de cultura

DIRECTOR E EDITOR

RUY CINATTI

SEDE DE REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Nova de S.<sup>to</sup> António, 42, r c. — LISBOA

---

AVENTURA, tem como distribuidores gerais, a *Editorial Organizações, Ltda.*, Largo Trindade Coelho, 9, 2.<sup>o</sup> — Telefone 2 7507 — End. Teleg. «Editorial».

---

N.<sup>o</sup> 3 — JULHO DE 1943

## SUMÁRIO

Carta ao Editor . . . . .	T. S. Eliot
Elegia primeira . . . . .	J. B. Portugal
O Cardial J. H. Newman . . . . .	Denis Brass
Ensaístas portugueses . . . . .	Alvaro Lins
«Davam grandes passeios aos domingos» de J. Régio . . . . .	Wolfgang Kayser
Solilóquio junto do mar parado . . . . .	Manuel Lopes
Da Ignorância. . . . .	Delfim Santos
3 poemas . . . . .	António Pedro
Subsídios para a História da Arte Moderna . . . . .	D.ogo de Macedo
Música contemporânea portuguesa . . . . .	San iago Kastner

---

NÚMERO AVULSO 8 ESCUDOS

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



# D a I g n o r â n c i a

...Mas, não poderá constituir-se a filosofia como ciência? Não poderá ela, de uma vez e para sempre, assentar em «princípios fundamentais» e permitir que o esforço de todos os filósofos se conjugue na criação de um «corpo de doutrina», mais ou menos firme e definitivo? O aspecto incoordenado, contraditório e caótico da actividade filosófica, não só ao longo da história, mas contemporaneamente; a possibilidade que têm os filósofos de defender, na mesma época, doutrinas que mutuamente se excluem, é desolador para a própria filosofia. Porque razão não há uma filosofia que «domine» as outras, uma filosofia mais verdadeira do que todas as outras? Isto prova que a filosofia ainda não encontrou o seu objecto, ao contrário das ciências já constituídas; isto prova ainda que os filósofos são incapazes do estudo adequado da realidade, se entretêm com um jogo de palavras sem conteúdo, e exercem uma actividade que, nem de longe, merece a consideração de que são dignos os especialistas dedicados a outros ramos do saber.

Para o homem cuja actividade mental nunca abandonou o quadro médio da experiência vulgar, as opiniões que aí ficam são o eco das suas reflexões em superfície — chamemos-lhe assim — sempre que tem ocasião de falar sobre filosofia. É mais ou menos assim que o homem loquaz se exprime, embora de outra maneira se lhe refira o homem que pensa. Em nenhuma época, a filosofia valeu tão pouco como hoje vale para essa espécie de homens, e como eles constituem a espécie quantitativamente dominante, assim aparece esta opinião como predominante. O homem loquaz identifica falar com pensar e é realmente o homem tipo do nosso tempo, o homem que ficou sempre alheio ao aprofundamento e conhecimento de si mesmo, e que tem como mais alta expressão da sua personalidade falar mais ou menos sobre as notícias que, todas as manhãs, lhe transmite, por preço módico, o seu jornal diário. E, todavia, esta nova espécie de homens, já característica dos nossos tempos, não é o produto natural da evolução progressiva a partir das espécies anteriores. Houve no mundo, sob este aspecto, uma mutação brusca que separa já visivelmente os homens de hoje dos homens de ontem. O traço de separação é o jornal, a imprensa diária, o influente constante, por repetição, a que o homem se abandonou. É claro que, como em todas as coisas, há aqui bom e mau; e o mau pode relevar-se e expor da seguinte maneira: o jornal substituiu no homem a própria actividade de pensamento e dá-lhe a convicção de saber, em todos os domínios, o último saber possível.

O jornal é criador de opinião, mas opinião não é saber e é precisamente aquilo que não vale a pena comunicar. Esta nova espécie de homens a que nos referimos



julga saber muito mais do que os seus antepassados, que não tiveram as mesmas possibilidades, mas, na verdade, vale muito menos. Porque saber não é em si um valor, e o saber de opinião é mesmo um não-valor. O tipo desta nova espécie de homens é um conjunto de camadas de opinião, cuja origem é sempre vária e mais ou menos desconhecida. É, na maior parte dos casos, um saber de memória, que mata ou atrofia as possibilidades de vida espiritual de que o homem é portador; é o fortalecimento de hábitos e de tendências de vulgaridade. E, porque assim é, o homem determina-se sem hesitações, por «a» ou por «b» sem pensar, um momento sequer, que «a» pode não ser aquilo que ele tem por «a», e que «b» pode ser algo diferente do que ele tem por «b». As suas atitudes a este respeito são firmes, sólidas e intolerantes, como os anúncios de reclame, que ele todos os dias lê e propaga. A verdade é aquilo que o réclame impõe como tal, e o ético é aquilo que o vulgar diz ser moral. Ir além disto, é ir demasiado longe nas atribuições pessoais de liberdade, que a comunidade confere aos seus componentes. Qualquer atitude de dúvida, ou qualquer diferente posição das coisas, perdeu para este homem instruído, excessivamente instruído e excessivamente habituado a tudo e a ele mesmo, toda e qualquer possível justificação. Estes homens são homens de uma só fé, inquebrantável, mas de uma fé vazia, realmente inútil e realmente inhumana.

\* \* \*

O seu antecessor, o homem que não lia jornais, que falava menos, portanto, acerca do que sabia, era um homem de outra espécie. Só lhe era acessível a sua própria experiência e a experiência directamente comunicável dos outros; mas as suas opiniões eram produto da sua vida vivida, e o conteúdo destas era provindo da sua experiência sentida. Sabia o que era um eclipse, porque tinha visto alguma coisa cobrir o sol, e não porque o seu jornal lho tinha comunicado. É claro que um comunicado de jornal é extraordinariamente mais económico de esforço: dispensa a observação e o registo da observação e a comprovação da observação. Enquanto que tudo isto exigia variedade de aptidões, o jornal reduz tudo à possibilidade de leitura. E o jornal, como aquisição triunfante do mundo moderno, tirou a todos o que a todos este mundo moderno tinha prometido! O desenvolvimento da própria personalidade foi assim reduzido à formação de um único tipo de opinião, e muito mais intolerante do que aquêle que os antecessores tinham conseguido formar. Estes eram conscientes da sua ignorância, porque para eles o saber não tinha sido feito tão fácil, mas valiam, como homens, incomparavelmente muitíssimo mais, porque ignorância não é um não-valor, e vale mesmo mais do que o saber por opinião. O seu comportamento na vida social era a expressão sincera da própria experiência, que se corrigia por si mesmo e sucessivamente, procurando compreender a complexidade das coisas e era, assim, susceptível de ligar valor às opiniões dos outros e de as respeitar com o respeito que elas mereciam. A intolerância é atitude dos outros: dos que sabem e dos que julgam saber. O seu universo era limitado, mas as suas noções possuíam verdade e realidade. Que importa uma concepção vasta do universo, quando os materiais de que ela é feita são abstrações e mentiras e falsidades em segunda ou terceira mão?

É claro que a nova espécie de homens, que a esta se opõe, lhe é inferior. Pouco importa que sejam alfabetos e ostentem esta superioridade contra os analfabetos. Pouco importa que tenham perdido longos anos no adormecimento liceal, enquanto o



outro se acorda com o trabalho exigente. Pouco importa que se tenha superiorizado com a frequência de uma universidade, enquanto o outro aprende a viver a vida responsável do homem de que os outros dependem. No fim e no fundo, a maior parte daquêles é sempre um grupo de inúteis, de inadaptados e de incompetentes, e a sociedade passaria admiravelmente bem se não existissem; todavia, daquêles outros de que falamos o caso é muito diferente. São êsses os homens sempre úteis em uma sociedade, e sem êles não poderia existir a vida social com as suas estruturas diferenciadas e complexas. Estes, quando falam, referem-se às coisas e o seu saber é imediato e adquirido por si próprios. Mas falam pouco. Os outros referem-se sempre a um saber fácil e monotonamente adquirido: a um saber extensamente superficial. E falam muito, muito, muito. É claro que só êstes expõem as suas opiniões acerca da filosofia. E com isto mostram quão pequena é a sua capacidade filosófica. Os filósofos não falam de filosofia. E, se há filósofos que o fazem, é porque são pouco filósofos. Quando um filósofo se opõe a outro filósofo, e supõe com isso fazer filosofia, enganou-se no caminho. Ler um livro de filosofia que começa por se opôr a outra filosofia é perder o seu tempo. Filosofia trata de problemas, de dificuldades, de aporias, de contradições e não de filosofia. Ora, quando êstes homens pretendem ser filósofos tomam o aspecto de críticos, porque, de facto, não podem ser outra coisa. E a profissão de crítico é produto da incapacidade do homem actual poder ser outra coisa. A crítica é sempre manifestação de pobreza na personalidade, como o é também a do filósofo que toma para tema da sua filosofia a filosofia dos outros. Mas outras vezes, e na maior parte delas, êstes homens não pretendem ser filósofos, e então emitem variantes das opiniões que começamos por expôr. Certamente que tais opiniões, como tudo o que com a máscara de ideias vem dêsses homens, precisariam de uma análise que nos esclarecesse sobre a sua proveniência teórica (o que seria fácil depois do que expusemos); e também nos indicasse o grau de correcção das suas opiniões, relativamente às formas de pensamento que revelam, com o fim pedagógico de evitarmos a contaminação dos mesmos vícios e formas inadequadas de pensamento às gerações desprevenidas, tal como já o pretendia Sócrates (e isto seria muitíssimo difícil).

Não. Sigamos outro caminho. O homem que ignora, como homem, não vale menos do que o homem que sabe. Isto é, saber e ignorância não são valores que se excluam, porque o autêntico e mais profundo saber é «saber que se ignora», ou «saber que se não sabe». E nisto está, de facto, uma grande distinção: o homem que, ufano da sua limitada instrução, se coloca, por êsse motivo, acima do homem que sabe que ignora, comete uma inversão de valores. Instrução e cultura são apenas meios para revelação do humano no homem. E uma cultura que não tenha um conceito de humanismo a defender é uma cultura sem fundamento, e uma cultura sem fundamento não merece que se lhe chame cultura. Não esqueçamos, porém, que, como fundamento de uma cultura não pode ser apontado o número, maior ou menor, de nomes notáveis que pertencem ao passado. Seria uma argumentação em círculo, porque cada um dêsses nomes só vale em virtude do fundamento prévio. Êste terá de ser prospectivo e não histórico, isto é, com missão a realizar e não como admiração pelo já realizado. Se assim não fôr, estamos caídos no historicismo, que é uma lamentável revelação de incultura. Cultura não é herança, mas sim a capacidade de apreensão e compreensão de valores. Aprender e compreender não é saber, é algo que transcende o domínio da instrução e requiere sensibilidade, algo que reside na qualidade, e não na



quantidade dos conhecimentos. Tudo isto se esqueceu. O progresso é sobretudo quantificação. Viver, viver bem e viver melhor são os três estádios sucessivos a que todo o homem aspira. Mas começa a notar-se que este «viver melhor» já nem sequer era viver. E então surge a necessidade de regresso, de voltar atrás, e o mito do paraíso perdido surge novamente vivo à imaginação do homem.

\* \* \*

Mas o homem é um ser paradoxal relativamente a si e ao mundo que o cerca: dominou a maior parte das forças que a natureza lhe opunha, criou e descobriu novas formas de energia, reduziu o espaço e o tempo pela velocidade, poupou as suas forças e diminuiu o seu cansaço, alongou o dia e encurtou a noite, embelezou o que não era belo, criou novas formas de vida, espiritualizou uma parte da sua conduta, mas esqueceu-se de si mesmo. O homem, na sua totalidade, nunca se fez tema para o homem. Pode exprimir algumas ideias novas «sobre» ele mesmo, «sobre» o universo e «sobre» tudo, mas «tudo» isso lhe é exterior e ele ficará sempre o mesmo. Nada há que o homem não tenha modificado ao longo dos séculos, ou que, pelo menos, não tenha tentado melhor conhecer; as próprias relações sociais, desde muito cedo, foram objecto das suas preocupações, e procurou novas estruturas de pensamento que garantissem o melhor possível o sistema político que idealizou, mas ele mesmo nunca tentou conhecer-se ou modificar-se radicalmente na sua atitude de vida. Ignorante ou instruído, o homem de hoje é, sob este aspecto, irmão do homem de ontem, embora a civilização de ontem não possa apresentar tais relações de parentesco com a civilização de hoje. Tudo muda e só ele permanece imutável e depois desaparece. Porque razão o homem, o senhor do universo, que em tudo pôs a marca da sua força e da sua inteligência, permanece ainda sujeito a forças arbitrárias, dependente de tantas coisas que ele, no seu domínio senhorial, quasi esqueceu? Talvez porque o homem, em sentido metafísico, é o supremo altruísta. Lembrou-se de tudo, mas esqueceu-se de si próprio. Fez tudo quanto era possível fazer-se, mas nada fez de si próprio. Que significa este esquecimento?

O homem luta pela imortalidade e não se resigna a ser vencido pela morte. O fim obscuro de todo o seu esforço consiste em prolongar a vida, e é a consciência de domínio que melhor o faz esquecer a morte. E este esquecimento é o melhor calmante ao seu desespero. É um erro supor-se que a morte é apenas o fim exterior de um processo vital, que se foi sucessivamente enfraquecendo. Esta representação da morte é uma falsidade, é uma fraude piedosa para o fazer esquecer de que a morte «vive» com ele. E esse expediente bem intencionado dos moralistas dos primeiros séculos da era cristã revelou-o a história insuficiente; mesmo assim o homem continuou a esquecer-se, e continuou astutamente a trabalhar, como operário infatigável, para dominar esse mundo resistente e hostil, cada vez menos dócil ao candidato permanente a senhor de tudo e de todos. E se o seu esforço fôsse bem sucedido, se todas as forças da natureza ficassem ao seu dispor, a morte deveria também ser dominada, e nada mais haveria a temer. Mas a morte não está apenas na natureza. Aqui está o sentido da fraude: pensando que a morte estava fora dele, esqueceu-se de si, e, por caminhos indirectos, pelo estudo da vida dos animais, das suas relações com o mundo exterior, pelas pesquisas no domínio microscópico, o seu orgulho foi crescendo confiadamente. Um dia, surgiu-lhe o pensamento luminoso de que tudo era matéria e, se assim era, estava



confirmado que o seu caminho atrevido deveria levar a bom fim. Se tudo se podia reduzir a equilíbrio e desequilíbrio de forças, se a energia se modifica conservando-se, podia ser festejada a primeira etapa no seu caminho para a vitória. A conservação da energia era um indício da possibilidade da sua própria conservação. E houve a festa do seu orgulho. E, de tal maneira, que os rumores do festim se ouvem ainda passados séculos, e ouvir-se-ão ainda talvez durante muito tempo, tal a profunda convicção de que nessa hora o homem se deixou dominar. A religião cristã, que tinha pretendido acordar no homem a consciência da sua pequenez, da sua impotência em frente do mundo, da morte e de Deus teve contra si a revolta do orgulho. Se o homem dominasse a morte, seria mais do que homem. Deus nada podia contra a morte, quebrava a continuidade da vida terrena para oferecer a vida eterna, mas o homem preferia continuar a vida terrena. Ante a perspectiva do seu domínio terreno, todos os outros mundos e tôdas as outras vidas lhe eram indiferentes.

\* \* \*

De vez em quando, ao longo da história, apareciam certos homens estranhos, para os quais o fim do homem não estava fora de si mesmo. A sua linguagem era dificilmente compreendida, as suas mensagens, sempre redentoras, de intenção religiosa, metafísica ou estética, pretendiam sempre o «regresso» e o abandono do caminho seguido. E diziam que os homens deviam despojar-se das aquisições feitas, e empreender uma nova jornada por êsse caminho abandonado, quási intransitável, escuro e difícil, que era o caminho para si mesmos. E o progresso? Não, o homem não se sentia cansado e não pensava em regresso. Nada de ouvir a voz dos fracos e dos decadentes. A fraqueza é uma força que se extingue. E o homem deve ser forte, conservar a sua força, exercitar e aumentar a sua força. Tudo quanto está fora do homem deve ser pôsto ao serviço do homem. Ao seu próprio serviço não julgou necessário homem nenhum. As forças maléficas da mitologia e da consciência medieval já não preocupam nenhum homem de hoje; o temor da morte e o temor de Deus não preocuparão a consciência do homem de amanhã. Para a frente. Vencida a primeira etapa, a acuidade auditiva para certas vozes tornou-se mais apurada. Por sua vez, a atitude de dúvida do homem relativamente ao homem, não tinha desaparecido totalmente. E se, de facto, o caminho fôsse errado? E se o progresso fôsse apenas a auto-convicção unilateral, proveniente do constante «olhar-para-fora»? Não será o progresso uma ilusão idêntica à do homem que se julga em movimento, só porque alguma coisa fora dêle se move? Mas olhar para dentro, para quê? E outra dificuldade surge aos que não foram surdos à mensagem: como conseguir olhar para dentro, como ver isso que foge, que passa mas dura, que desaparece mas se mantém? Com que padrão de medida, e em que escala de grandeza, traduzir isso que agora lhe dizem ser importante? O único meio só poderia ser êste: ver o que «dentro» há de semelhante com o que êle conhecia «fora» e, com a lógica fecunda para o conhecimento do mundo exterior, penetrar no seu mundo interior, nesse mundo sempre ignorado mas sempre presente, mesmo quando se ignora. E nunca o homem, o senhor hábil para as grandes construções, se viu tão sem jeito e tão incapaz para essa nova obra. E surgiu uma multidão de operários para desvendar o chamado mundo interior. Mas as suas ferramentas eram diversas e impróprias, e cada um descobria qualquer coisa de semelhante ao que já era conhecido no mundo exterior. E a natureza do homem ficou ainda mais confusa. E já alguém afirmou que



o homem é um animal sem natureza. Procurou-se o que não existe. Formularam-se teorias, architectaram-se planos e construiu-se o homem à imagem e semelhança do que ele não é: um microcosmos.

\* \* \*

Enfim, chegaram a muitos «pontos de vista». Isto tem sido quasi sempre os resultados da especulação, porque quasi sempre se admite que a realidade não tem direito a supor-se diferente do que o ponto de vista começa por estatuir. Há, porém, apesar de tudo isto, qualquer coisa muito importante, que eles sempre transmitem a todos aquêles que os applicaram e chegaram, directa ou indirectamente, a bem conhecer os efeitos possíveis do seu emprêgo: «insatisfação». E, na história do pensamento filosófico ou científico, parece que os produtos considerados realmente satisfatórios só tem o mesmo fim: «aumentar a insatisfação». Êste mal estar é hoje tão agudo, como era ontem e como foi noutras épocas da história, que nos deixaram possibilidades para o verificar. Faltam-nos ainda critérios, que nos permitam saber distinguir, com verdade, quais as distinções (no plano do pensamento) que correspondem a diferenças (no plano da realidade); e quais são as distinções que não correspondem a diferenças. (E falta-nos mesmo o critério supremo que nos permita claramente distinguir entre real e pensamento). Isto é, falta-nos saber esta coisa simples: quais são realmente as verdadeiras correspondências entre o que o pensamento descobre e o que, independentemente do pensamento, é, de facto, realidade. O pensamento é criador de objectividade, mas esta objectividade nem sempre incide sobre o que é «por-si-próprio-consistente». E, assim, origina-se qualquer coisa que é o maior escândalo em frente das ousadas pretensões do pensamento — «o erro».

É certo que o homem resolveu corrigir o erro, ou evitar o erro, mas nem um nem outro processo atingiram ainda a realidade persistente de que o erro vive. Quasi sempre se identifica erro com incorrecção e, partindo da confiança na razão metológica, supõe-se que o primeiro deve ser tratado como o segundo. Mas isto é um outro erro, porque o erro a que nos referimos é, «por natureza», incorrigível. Ele radica nesta incompatibilidade, nesta desconformidade, nesta radical inadequação sempre constante que a si trás esta estranha presença: o homem e o mundo. Desde a Grécia que o desespero da meditação levou a identificá-los, e desde a Grécia que o homem pensa para os identificar à base desta ou daquela mais ou menos verosímil razão. Hoje, o problema está muito menos claro do que na antiguidade, como convém a época tão progressiva e tão segura de si mesmo, como a nossa é. Mas não só hoje assim foi. A filosofia de Parménides, a filosofia de Espinoza e a filosofia de Schelling são etapas da mesma tendência — duma certa confiança simples, demasiado simples, no poder ou na força da razão. Mas, apesar de tudo, desta por vezes heroica confiança e do humilimo desmentido que sempre tão grandiosas intenções tem recebido, continuamos desconhecendo esta coisa simplicíssima e de que tudo depende: o fundamento da incompatibilidade radical entre pensamento e realidade, ou em linguagem cartesiana: a desconformidade do pensamento e da extensão. O desconhecimento disto é o ponto de partida do que hoje demasiado enfaticamente se costuma chamar «cultura moderna». E o premente desejo de soluções, que esta trás em si, dissolve ou pretende dissolver levianamente o que é insolúvel, e apresenta o resultado do seu esforço como solução definitiva do problema considerado. Mas isto foi sempre assim...

DELFIM SANTOS